

Dezenas de atletas do DF, de diferentes categorias, participam da competição internacional de canoa havaiana, em Singapura, de hoje a 31 de agosto. Campeonato terá mais de 3 mil competidores, de cerca de 30 países

Do Paranoá ao Mundial

» EDUARDO FERNANDES

A força das remadas do Lago Paranoá vai cruzar o oceano para ganhar o mundo. De hoje a 31 de agosto, dezenas de atletas do Distrito Federal desembarcam em Singapura para a disputa do Campeonato Mundial de Canoa Havaiana (Va'a). A competição reúne mais de 3 mil esportistas de cerca de 30 países. Na bagagem, as equipes brasileiras levam não apenas a busca por pódios, mas histórias marcadas por disciplina na maturidade, redes de apoio femininas e o esforço individual para custear o sonho internacional.

A representatividade da capital abrange diferentes categorias, da masculina à feminina, passando pelas divisões Master 40 e Master 50. Entre os destaques masculinos está a equipe Super Kongs, formada exclusivamente por atletas com 50 anos ou mais. Tricampeões brasileiros (2022, 2024 e 2026), eles buscam repetir no continente asiático o sucesso de participações anteriores em Londres e no Havaí.

Com preparação independente no Minas Brasília Tênis Clube, os próprios integrantes financiam quase a totalidade dos custos. “Existe o programa Compete, que oferece auxílio aos atletas. No entanto, o benefício não contempla todos, e a maioria precisa arcar com os custos com recursos próprios. É um esforço individual de cada atleta”, pondera Gláucio Faria, porta-voz dos Super Kongs, ao ressaltar a rotina de treinos que se assemelha às provas de 100 e 200 metros rasos do atletismo.

A delegação do Distrito Federal ganha respaldo institucional com a presença de dirigentes e atletas experientes. A atleta e vice-presidente da Federação Brasiliense de Va'a (FEBVAA), Renata Maffini, também estará na água em Singapura e destaca a relevância do contingente local. “Brasília estará representada por 79 atletas de diversas categorias que treinam e competem por diferentes clubes e bases de canoagem. No Brasil, os classificados para o Mundial são aqueles ranqueados no Campeonato Brasileiro — que em 2026 inclusive foi sediado na capital — trazendo esportistas de diversos estados”, detalha Maffini.

Número expressivo de representantes reforça o papel do Quadrilátero Crítico no mapa da canoagem global. Com representantes locais divididos em modalidades individuais (V1) e coletivas (V6 e V12), Brasília disputará medalhas em praticamente todas as faixas etárias, desde a Elite e Open até as categorias Master 40, 50, 60 e 70, no masculino e no feminino. “O Brasil vem se destacando cada vez mais no cenário mundial e os atletas de Brasília são diretamente responsáveis por parte desses bons resultados”, conclui a vice-presidente da federação.

Fotos: Arquivo pessoal



Gehysa pratica há mais de seis anos: missão de levar toda a energia do Lago Paranoá para águas internacionais



Equipe 50+ da base Scheidt também estará em Singapura



O time masculino master 50 SuperKongs representa o Remo Brasília



A equipe feminina Buriti compete na categoria Master 40

Renascimento

A jornada para Singapura também carrega um forte sentido de transformação pessoal para as atletas femininas. A servidora pública Andreia Paula de Freitas Lopes, 52, e atleta da base Scheidt, que atua no comando da troca de remadas (banco 3), descobriu a modalidade há três anos e meio, quando buscava alternativas para combater o estresse e os efeitos da menopausa.

“Estava vivendo um período de muito estresse e olhar fótico do esporte ao ar livre me despertou a vontade de experimentar. A menopausa já me fazia perder o sono e o juízo com alterações de humor. A canoa trouxe uma melhora na minha vida profissional, aumento da concentração e do desempenho. Ficou até mais expansiva e feliz”, relata.

A atleta destaca ainda a dimensão coletiva e inclusiva da prática



O grupo Manakah Vaa é um dos representantes na competição

nas águas. “Em uma canoa, cada banco tem seu papel e é o conjunto que a faz deslizar. É como uma equipe de trabalho. Somos uma

‘Ohana’, palavra da cultura polinésia que significa família. Esse esporte é um mundo que acolhe quem quer competir e quem busca apenas

bem-estar físico e mental. Quando soube da convocação, senti orgulho de me tornar atleta na maturidade, mostrando que nunca é tarde para começar algo novo”, celebra.

A força feminina

As equipes femininas chegam ao Sudeste Asiático impulsionadas pelo entrosamento e pela conquista da vaga no Campeonato Brasileiro. A gestora de viagens Renata Ramos Ribeiro, 50, integra o Manakah Vaa, um time de seis mulheres na categoria Master 50+, que garantiu a classificação após conquistar o terceiro lugar nacional.

“Somos uma equipe de seis mulheres 50+ de Brasília, apaixonadas pela canoa havaiana. Começamos a treinar movidas pelo desafio e pela vontade de superar nossos próprios limites. Estar nesse Mundial significa muito mais do

que competir. É celebrar cada treino, cada dificuldade superada e ter a oportunidade de ver e remar ao lado das nossas grandes ídolas do Brasil e do mundo”, afirma Renata.

A união entre mulheres também é o pilar da equipe Buriti, que compete na categoria Master 40 e conquistou o bronze brasileiro nas provas de 500 e 1.000 metros. Para a especialista em projetos de justiça Gehysa Garcia, 43, o Mundial representa a realização de um planejamento de anos.

“Estou na canoa há seis anos e foco em competições há três. Essa é uma realização gigante, porque consegui me organizar para ir rumo ao Mundial após ter que abdicar do anterior para fechar meu mestrado. Mais do que os resultados, o que aprendo todos os dias com esse coletivo de mulheres é o poder da rede de apoio. Nossa missão é representar o Brasil e Brasília, levando toda a energia do nosso lago para águas internacionais”, pontua Gehysa.

Colaborou Maria Eduarda Lavocat

CELEBRAÇÃO

Cores da Índia no coração de Brasília

O coração de Brasília deu lugar, na manhã de ontem, à apaixonante e acolhedora cultura indiana. Na altura da 106/107 Norte, o Eixão do Lazer transformou-se em palco de uma celebração ancestral. A segunda edição do Ratha-Ytra em Brasília — o tradicional Festival das Carruagens dedicado ao Senhor Jaganntha, o Senhor do Universo — trouxe cores, cantos, música e devoção à capital federal.

Promovido pela Associação Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON), conhecida nas redes sociais como Bhakti Yoga Brasília, o evento reuniu praticantes, simpatizantes e pedestres. O grande destaque deste ano foi a estreia de uma nova carruagem alegórica, réplica fiel dos carros milenares utilizados em Jaganntha Pur, cidade sagrada da Índia, onde o festival se originou.

Puxada manualmente pelo público ao som ritmado de mantras, a carruagem seguiu em procissão em direção à 109 Norte antes de retornar ao ponto de concentração. A celebração, trazida ao Ocidente na década de 1960, por

Srila Prabhupda (1896–1977), teve sua histórica primeira edição ocidental em São Francisco, em 1967. Ao longo dos anos, o evento tem reafirmado sua força no Brasil em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Alto Paraíso de Goiás e, agora, na capital do país.

“Brasília está recebendo pela segunda vez. No ano passado, tivemos uma média de 400 pessoas. A recepção do público é sempre muito calorosa”, destacou João Fonseca, 38 anos, um dos organizadores do evento. De acordo com ele, o Ratha-Ytra ainda é recente na capital, mas, mesmo assim, a quantidade de devotos e daqueles que passam e tiram apenas uma foto tem empolgado.

Portas abertas

Para os devotos da filosofia Vaishnava, ver as deidades caminhando entre os frequentadores do Eixão representa um gesto de partilha e generosidade espiritual. Lalita Devi, 42, moradora de Taguatinga Sul e praticante do Sanatana Dharma na linha Vaishnava, expressou a emoção de vivenciar o festival nas ruas do Distrito

Federal. E mais do que isso, celebrou a beleza e o encanto de uma cultura que tanto ensina.

“A importância desse evento em Brasília é essa bênção milenar que é vivida na Índia há muito tempo. Esse é um festival imenso na Índia. É uma grande honra que a gente possa estar realizando ele aqui, mesmo em proporções muito menores, na nossa cidade. E essas deidades que vão desfilar no carro hoje, é como se a gente estivesse trazendo as bênçãos de Deus para as ruas, para nós. É realmente muito emocionante participar.”

Graziella Lascala, 32, moradora da Asa Norte, ressaltou o caráter inclusivo e comunitário de levar a cultura védica para o espaço público. “Acredito que a principal importância desse evento é sair do templo e trazer a nossa cultura para as ruas, para que mais pessoas conheçam. Para que as deidades saiam do templo e, aqui na rua, estejam disponíveis a mais pessoas, que podem estar junto com a gente, cantar com a gente, conhecer um pouco mais da cultura”, detalhou. Ela acrescentou, ainda, o valor transformador dos

ensinamentos que são absorvidos diante de uma tradição que abraça tantas pessoas. “O principal que marca a nossa cultura é a devoção. Vejo que é uma maneira de a gente aprender a viver de forma também mais íntegra e mais harmoniosa”, completou.

O Ratha-Ytra em Brasília atrai não apenas devotos de longa data, mas também pessoas de diferentes trajetórias espirituais, encantadas pela mensagem de paz e harmonia do festival. É o caso da professora de yoga Larissa Sampaio, 43, moradora da Asa Sul, que participou acompanhada da filha Esther, de 3 anos e 8 meses.

“Eu não sou Vaishnava, não sou devota, sou cristã, inclusive, mas sou professora de yoga. Comecei a frequentar os eventos e a estudar os Vedas e o Vaishnavismo pelos livros sagrados, como o Bhagavad-Gita. É algo que muda a nossa vida. A gente começa a entender várias coisas da nossa existência, como agir de forma mais íntegra, harmoniosa e equilibrada”, destacou.

Sobre a presença da pequena Esther na caminhada, Larissa afirmou que a presença das crianças, tão

Eduardo Fernandes



puras, alegres e inocentes, reforça ainda mais a temática central do evento.

E assim, entre cores vibrantes, sorrisos e cantos harmônicos, o

Ratha-Ytra transformou mais um domingo no Eixão em um encontro memorável de espiritualidade, diversidade e cultura ancestral. (EF)